



Comunidade Católica Santo Antônio Rio Palmar

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
ESPECIALIZAÇÃO EM EXTENSÃO, INOVAÇÃO
SOCIOAMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO DE
SISTEMAS AGROALIMENTARES (AGIS)**

Orientadora: Professora Dr. Sonia Barbosa Magalhães

Discente: Nezilu Gonçalves dos Santos

Manifestação religiosa: A arte de cantar ladainha.



Abaetetuba/PA
Março 2019



Introdução

Este trabalho objetiva apresentar uma forma de manifestação religiosa - a prece denominada ladainha – praticada na localidade do rio Palmar, uma ilha do arquipélago do Município de Abaetetuba.

Trata-se de uma prece específica, rezada apenas por um grupo de pessoas, transmitida oralmente, cujo texto é composto de frases em português e de frases e palavras, cuja sonoridade evoca o latim. Na localidade, diz-se que é uma “ladainha em latim” e o grupo de pessoas que a reza se distingue por este conhecimento especial.

Em muitas ilhas de Abaetetuba reza-se a ladainha nas festas de santos (a), isto é, festividade católica, que tem vínculo com a diocese, na qual se destaca o sagrado. E nas festas “particulares”, isto é, aquelas que não têm vínculos

com a Diocese e, na maioria das vezes, são realizadas em oratórios domésticos. Em trabalho anterior sobre estes oratórios (SANTOS, Nezilu Gonçalves dos. **Arte Devocional em Oratórios no rio Campompema - Ilhas de Abaetetuba**. Abaetetuba/PA 2018.), observa-se que se trata de um espaço sagrado localizado no interior da residência, bem cuidado e ornamentado, no qual há inúmeros santos, entre eles - no centro - se encontra o padroeiro (a) protetor (a) da família e do lar, que em muitos casos foi adquirido por herança. Exemplos dessas festividades são o festejo de São Benedito e de São João Batista localizado no rio Campompema, a 30 minutos da cidade de Abaetetuba. Nas imagens a seguir, vê-se os oratórios do senhor Benedito (Figura 1), e do Senhor Antônio (Figura 2), localizados no rio Campompema, nos quais realizam-se festejos de santos. O dono



do oratório é chamado “cuidador” do santo do qual é devoto.

Figura 1 - Oratório de seu Benedito



Fonte: Pesquisa de campo, 02 de dezembro de 2017.

Figura 2 - Oratório do seu Antônio



Fonte: Pesquisa de campo, 02 de dezembro de 2017.

A festa realizada pelos dois cuidadores de santo ocorre de forma diferente das realizadas pela igreja católica. Elas podem ser concretizadas apenas com a presença do sagrado, celebração seguida de lanche ou jantar, assim como pode haver a junção sagrado e

profano (GALVÃO 1954). No segundo caso, por exemplo, temos a festividade de São João Batista (figura 2), no dia da festa, após a celebração, há um momento de confraternização com danças e bebida alcoólica, além da retirada do mastro (onde está erguida a “bandeira do santo” (a)) e da “ramada” (bandeirinhas feitas de papel de seda que cobre todo o teto do barracão). Mas entre a festa da comunidade católica do rio Palmar e as festas particulares há um ponto em comum; a reza da ladainha. Esta pode ser rezada (cantada) qualquer noite durante o novenário, (semana que antecede o dia da festa). Vale ressaltar que a reza da ladainha depende do grupo responsável pela noite, ou seja, a ladainha pode ser rezada todos os dias, assim como pode ser realizada apenas um dia durante o novenário, ficar sempre a critério do dono da noite convidar os rezadores, o que indica um “plus” à festividade e à celebração.



Por exemplo, na festividade de São Benedito realizada pela família do senhor também chamado Benedito (figura 1), acontece no mês de julho, com quatro noites, sendo três noites de novena, e uma de festa (no último dia), na qual eles realizam um jantar para os participantes.

A festa de São João Batista, organizada pela família de seu Antônio (figura 2), acontece no mês de junho: são 12 noites de novena (do dia 13 ao dia 24/06), e no dia 24, após a celebração, ocorre a festa profana - dança com venda de bebida alcoólica e leilões.

Entretanto, a ladainha rezada nestas festas particulares do rio Campompema é diferente da rezada pelas pessoas do grupo do rio Palmar: a cantada nestas festas particulares é chamada ladainha convencional, é toda em português e se encontra no livro “Cantando a Vida¹” com o título “*ladainha nordestina*”. A

¹ Livro distribuído pela diocese, que contém inúmeros cantos católicos de todo o calendário litúrgico,.

rezada pelo grupo do Palmar é uma mistura de português com sentenças e palavras que evocam o latim, cuja escrita e tradução se encontram em anexo III.

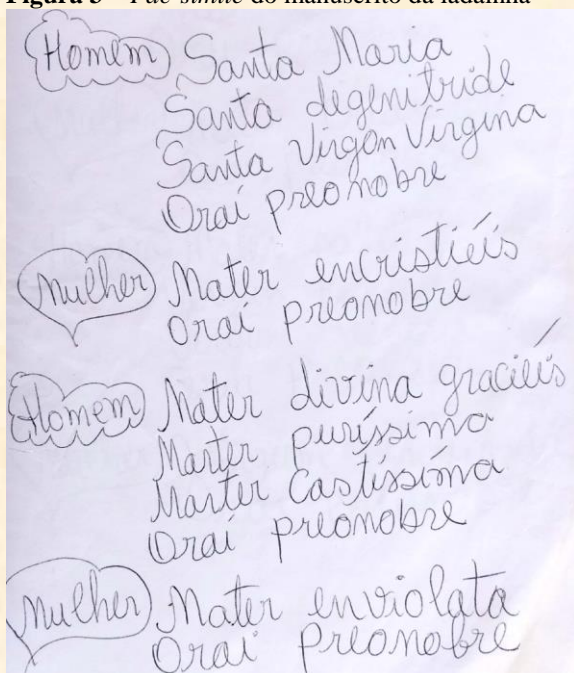
A ladainha rezada pelo grupo do rio Palmar foi identificada a partir do DRP (diagnóstico rural participativo) realizado em dois momentos na localidade do Rio Palmar e Ipiramanha: o primeiro do dia 29 de outubro ao dia 04 de novembro e o segundo do dia 15 ao dia 21/12/2018. No estágio I tínhamos como objetivo conhecer e compreender o cotidiano das pessoas, identificar os problemas e dificuldades enfrentados por eles e encontrar possíveis soluções. No estágio II, objetivou-se realizar atividades coletivas de retribuição relativas a problemas identificados², e aprofundar

² Convidamos a professora Janayna Galvão do IFPA – Campus Abaetetuba para fazer uma palestra sobre acordo de pesca para os moradores, pois esse foi um dos problemas identificado durante o primeiro estágio. Trabalhamos também com eles, a confecção de filtro caseiro de baixo custo uma vez que nem todos têm acesso à água potável.



a pesquisa individual para a realização do trabalho final do Curso. Optei por trabalhar a ladainha cantada pelos moradores do rio Palmar. Nessa perspectiva meu objetivo é digitar e editar um folheto com a letra da ladainha, que eles usam no momento da oração vide Figura3 abaixo.

Figura 3 – Fac-símile do manuscrito da ladainha



Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Como produto do trabalho, os membros do grupo irão receber um DVD com a gravação em vídeo da ladainha cantada por eles na Igreja Católica da localidade no dia 20/01/2019, uma

cópia deste texto e o folheto com a letra da ladainha.

Materiais e métodos

A metodologia de pesquisa adotada para a construção deste trabalho se deu por vários meios e instrumentos, como revisão bibliográfica; elaboração de cartografia social onde foi identificada a localização da residência de algumas pessoas do grupo de oração; entrevista semiestruturada e conversas com lideranças locais, para “obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação do estudo” (GODOY, 1995, p. 58). Foram utilizados gravadores e registros fotográficos da paisagem e das pessoas.



Caracterização do Rio Palmar

A ilha Palmar está entre as 72 ilhas da cidade de Abaetetuba, seu nome tem origem na fábrica de palmito chamada **PALMAZOM** (Palmeira da Amazônia Industrial), instalada na localidade por volta de 1980. Atualmente o rio Palmar apresenta maior área de várzea e uma pequena parcela de terra firme; deságua na **Baía Marapatá**. Saindo da cidade, há dois caminhos para se chegar à localidade, “por dentro e por fora” como dizem os moradores. Por dentro é o caminho mais longo, pois passa por varias localidades que são: Maracapucú Bom Jesus, Santa Maria e São José (aproximadamente 2:30h de viagem); por fora os moradores consideram o caminho mais curto, entretanto é mais arriscado uma vez que tem que atravessar a Baía do Capim, cerca de 2 horas de viagem. Por esse caminho, passa-se apenas pelas comunidades do Rio Arumanduba e Rio Assacueira. Na

localidade há 78 famílias com um total de 338 pessoas. A principal fonte de renda dos moradores atualmente é a venda do açaí, do qual o vinho é o principal alimento. Para eles o açaí é como se fosse o arroz com feijão para muitos brasileiros, ou seja, não pode faltar na mesa. Eles comem o açaí com peixe fresco e salgado, frango, carne, camarão, etc. Como se observa em Vedoveto (2008).

A polpa do açaí faz parte do hábito alimentar do paraense, sendo definida como item complementar ou básico das refeições diárias, principalmente entre as famílias de baixa renda. Ela é principalmente consumida com farinha de mandioca [...], acompanhadas de peixe, camarão ou carne seca. (VEDOVETO, 2008, p.8).

Mas, o açaí também vai ao mingau de arroz ou de farinha de mandioca. O mingau é o ponto forte da refeição da manhã das famílias. As pessoas se levantam entre 05:30h e 06:00h, tomam



café das 06:30 às 7:00h. Enquanto tomam café a panela com a água para fazer o mingau já está ao fogo. O mingau é servido por volta das 9:00h.

Em Palmar, há apenas uma escola que atende os alunos do ensino fundamental menor. A escola foi construída em 2006, possui seis salas, banheiros, refeitório, biblioteca, depósito, sala da diretoria e uma pracinha. Para os alunos chegarem até a escola eles usam o transporte escolar fluvial.

A localidade não dispõe de posto de saúde. Em caso de doença, as pessoas se deslocam até a localidade de São José, onde trabalha uma técnica em enfermagem em sua residência, pois lá também não há posto de saúde, mas ela atende todos que chegam até sua casa precisando de seus serviços. Quando o caso é mais grave a agente de saúde fornece ao paciente um encaminhamento para consulta na cidade, mas segundo os moradores

leva dias para conseguir atendimento pelo SUS (Sistema Único de Saúde), e quando consegue o paciente já está curado. Vale ressaltar que a localidade é atendida pelo tratamento de água SALTA-Z (Sistema Alternativo de Tratamento de Água), fornecido pela prefeitura de Abaetetuba por meio da Secretaria de Meio Ambiente.

A maioria das famílias possui casas grandes, com vários compartimentos, onde a limpeza, a higiene e organização estão sempre presentes, todavia ainda há uma pequena parcela que vive em situação de pobreza com casa em estado de degradação. Mas o que chama a atenção é o fato de todas as famílias por mais humildes que sejam receberem todos com generosidade e afeto, eles sempre têm a preocupação de oferecer algo ao visitante (café, mingau, etc).

Nos dias atuais o principal meio de transporte utilizado é o chamado “rabudinho”, que são barcos movidos



“a motor de popa”, este que “pode ser retirado a qualquer hora e transportado para o interior das residências [...]” (MAUÉS, p. 20), evitando assim o furto do motor.

Outro fator importante citar é a utilização de telefone na ilha, o que facilita muito o contato entre as pessoas. A localidade apresenta e utiliza-se de vários recursos naturais como: os peixes, o rio, os igarapés, o açaí e outros frutos etc. Os recursos que a natureza oferece juntamente com os programas sociais (Programa Bolsa Família, Projeto minha casa minha vida), e o seguro defeso contribuem para que as famílias possam viver bem nesta localidade.

O seguro defeso “trata-se de uma assistência financeira concedida aos pescadores que, durante o período de defeso, são obrigados a paralisar a sua atividade para preservação da espécie.

Período defeso é aquele em que a

pesca para fins comerciais é proibida devido à reprodução dos peixes³”.

Membros do grupo de oração e sua representação social

O grupo de oração é constituído por pessoas que exercem alguma função social na comunidade.

1. Ana Cristina Corrêa Coutinho
2. Ana Maria Caripuna Corrêa
3. Andressa Mascarenho Teixeira
4. Anilda Farias Rodrigues
5. Arilene Mascarenho Teixeira
6. Jaqueline Farias Rodrigues
7. Joana Darque Ferreira Corrêa
8. Karina Marques Corrêa
9. Luiz Correa Teixeira
10. Manoel Vanildo Caripuna Corrêa
11. Maria da Conceição da Silva Marques
12. Maria do Socorro Teixeira dos Santos
13. Ocilene de Lima Feio
14. Pedro Ribeiro dos Santos
15. Raimundo Santana da Silva Gonçalves
16. Tereza da Silva Gonçalves

³ Seguro defeso. Disponível em: <<https://www.konkero.com.br/financas-pessoais/seus-direitos/seguro-defeso-o-que-e-e-como-funciona>>. Acesso em 29 de janeiro de 2019).



Ana Cristina é uma jovem de 16 anos, esta cursando o 8º ano, participa da Pastoral da Juventude (PJ) e faz parte da equipe de liturgia.

Ana Maria, 54 anos, é participante da comunidade católica, sócia do sindicato rural, dona de casa, pescadora, irmã do Manoel Vanildo (nº 10) e mãe da Ana Cristina (nº 1).

Andressa Mascarenho, 23 anos, secretária da Pastoral do Dízimo, participante da PJ, já concluiu o ensino médio, atualmente faz cursinho pré-vestibular.

Anilda Farias, 49 anos é professora e diretora da escola do Palmar, secretária e tesoureira da comunidade católica Santo Antônio, faz parte da equipe de liturgia e é catequista.

Arlene Mascarenho, 22 anos, faz parte da equipe de liturgia e da pastoral da juventude, concluinte do ensino médio, está cursando o cursinho pré-vestibular.

Jaqueline Farias, 27 anos, professora, membro da equipe de liturgia e filha da dona Anilda (nº4).

Joana Darque, 55 anos, é participante da comunidade católica e catecúmena (adultos em preparação para receber o batismo, primeira comunhão ou o sacramento do crisma).

Karina Marques, 16 anos, está cursando o 7º ano, membro da PJ, equipe de liturgia e animadora (toca pandeiro nas celebrações).

Luiz Corrêa, 67 anos, é corretor de leilão no período da festividade de santo Antônio, ele é um “moço velho”, ou seja, nunca casou nem teve filhos.

Manoel Vanildo, 55 anos, é ex-coordenador da comunidade católica Santo Antônio, pescador, já foi rabetero (piloto do transporte escolar fluvial), atualmente trabalha no setor de merenda na cidade de Abaetetuba e viaja para a localidade nos finais de



semana; é irmão da dona Ana Maria Caripuna (2).

Maria da Conceição, 41 anos é professora e animadora na comunidade católica do Palmar.

Maria do Socorro, 56 anos, é vice-coordenadora da comunidade, catequista de jovens e adultos, líder da Pastoral da Criança (PC), coordenadora da liturgia, agente comunitária de saúde (ACS) e dona de casa.

Ocilene de Lima tem 19 anos, participa da pastoral da juventude e da equipe de liturgia.

Pedro Ribeiro (anexo I), 66 anos é animador (toca tambor nas celebrações), aposentado pela Colônia dos Pescadores, esposo da dona Maria do Socorro (nº 12).

Raimundo Santana, 50 anos é coordenador da comunidade, pescador sindicalizado, casado, tem seis filhos.

Tereza da Silva, 45 anos, coordenadora da pastoral do dízimo, cantora de salmo nas celebrações e cozinheira no período da festividade da comunidade.

No dia da gravação do vídeo estavam presentes as pessoas de número: 2, 4, 7, 8, 12, 14, 15. Quatro dessas pessoas são o que eles chamam de capitulador, ou seja, ficam de costas para a assembléia (povo que participa da celebração) e de frente para o Cristo Crucificado. Os capituladores são os que iniciam *cantando ou rezando* a ladainha como eles dizem, são eles: **Anilda (4), Luiz (9), Manoel (10) e Pedro (14)**. No dia da filmagem estavam presente apenas à dona Anilda e seu Pedro, como mostra a figura a seguir.

Figura 4 - Pessoas cantando a ladainha



Fonte: Pesquisa de campo, janeiro 2019.

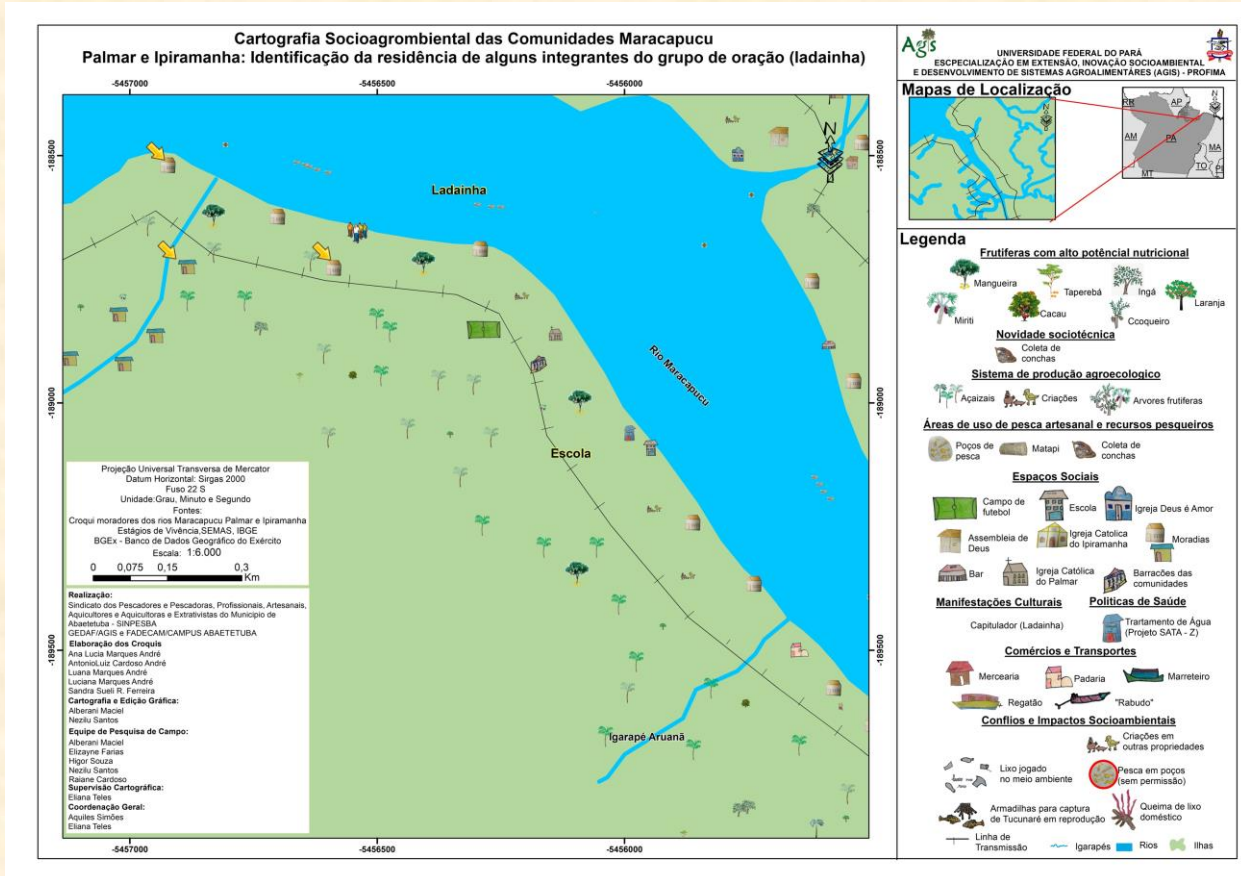


Segundo dona Maria do Socorro (faz a segunda voz), antigamente só podia ser capitulador pessoas do sexo masculino, pelo fato dos homens terem a voz mais grossa, pois a função do capitulador requer muita força vocal e como o grupo de pessoas que faz a primeira voz é menor que o grupo que faz a segunda, requer pessoas com tom de voz bem forte e alta para que todos os demais participantes possam escutar o que está sendo cantado. Mas como não há homem suficiente para compor o grupo de quatro pessoas, dona Anilda se apresentou para completar a equipe. As pessoas que exercem a função de capitulador se cansam muito, durante o momento de oração. Pude presenciar isso no dia 20/01/2019, quando realizamos a filmagem da ladainha: é como se eles tivessem praticando uma atividade física, escorria suor pela face do seu Pedro e volta e meia ele tomava um gole de água para hidratar a garganta.

A ladainha cantada por eles é diferente da convencional que é toda em português e com poucas estrofes (uma ladainha curta). A rezada pelo grupo do rio Palmar é bastante longa e possui vários versos “em latim”, o que para muitos do grupo é “bonito a pronúncia”. Perguntei se eles conheciam o significado das palavras “em latim”, mas eles não conhecem o significado de nenhuma. Na cartografia social foi possível identificar a residência de alguns cantores, como mostra a figura a seguir.



Figura 5 - Cartografia social





Como o grupo aprendeu a ladainha

Na comunidade havia um senhor chamado **Bereca Bernado**, que participava todos os domingos do culto dominical; na época ele era o único que sabia cantar a ladainha. Segundo seu Pedro, certo dia seu Bereca o chamou juntamente com sua esposa dona Maria do Socorro e a professora Anilda e pediu para eles escreverem a ladainha que ele ia cantar, para que quando ele “partisse desse mundo” eles tivessem a ladainha para cantar. E assim eles o fizeram, foram vários domingos escrevendo a ladainha: após cada culto dominical seu Bereca chamava os três e perguntava onde haviam parado de escrever no domingo anterior e assim ele continuava do ponto exato onde havia parado. Após concluírem a escrita eles tiraram varias cópias e dividiram entre as lideranças da comunidade. Quando seu Bereca era

convidado para rezar a ladainha, as pessoas levavam a cópia da letra para acompanhá-lo. Dessa forma eles foram pegando a melodia da ladainha. Poucos anos após a transcrição da ladainha, seu Bereca faleceu e a comunidade ficou vários anos sem ter alguém que a rezasse. Foi então que no dia 29 de junho de 1999, na casa do seu Pedro que realizou uma festa em homenagem a São Pedro (santo do qual ele é devoto), decidiram fazer um ensaio da ladainha, cantada agora sem o senhor Bereca. Esse foi então o pontapé inicial para eles darem continuidade à tradição religiosa. Desde esse dia eles nunca mais deixaram de rezar (cantar) a ladainha, há exatamente vinte anos que o grupo está nessa “missão”, como disse dona Maria do Socorro.



Momentos em que é rezada a ladainha.

O que é a ladainha? Segundo Paula (2011) “[...] ladainha é, uma oração repetitiva, em que se alternam invocações e respostas [...]”. Ela normalmente é uma oração muito longa, por isso as pessoas têm dificuldades em decorá-la. Nesse contexto dona Maria do Socorro que faz a segunda voz ou “*puxa pra trás*” como eles dizem, ressalta a importância do livro com a letra da ladainha, pois com ele em mãos fica mais fácil acompanhar os capituladores e “*ajuda as vozes a sair bem*”. Ainda segundo dona Maria do Socorro, “foi por meio dele que se aprendeu a cantar a ladainha”.

Os membros do grupo realizam essa prática devocional nas *festividades católicas, festas particulares, promessa, agradecimento e aniversário*. Eles não recebem valor

financeiro para se apresentarem, e a despesa da viagem fica a cargo do grupo. Apenas uma vez a comunidade (rio Prainha) que os convidou comprou o combustível. Entretanto nas festas que oferecem jantar, por exemplo, eles são os primeiros a ser chamados a sentar à mesa (RODRIGUES, 2002).

Quando a ladainha é rezada dentro da Igreja os capituladores ficam o tempo todo em pé de frente para o crucifixo, e de costa com as pessoas que “*puxam pra trás*”. Como mostra a imagem a seguir.

Figura 6 - Capituladores de ladainha



Fonte: Elizayane (pesquisa de campo, janeiro 2019).

Os que fazem a segunda voz ficam sentados durante a oração também de frente para o presbitério (altar) onde



Comunidade Católica Santo Antônio Rio Palmar

fica o Cristo Crucificado e só levantam na parte em que se reza:

Homem: Bendito

Mulheres: Louvado seja

Homem: Bendito

Mulher: Louvado seja ... (ver anexo II)

Figura 7 - Momento em que as pessoas da segunda voz ficam em pé.



Fonte: Elizayane (pesquisa de campo, janeiro 2019).

E ficam em pé até o término da oração. Já nas festas particulares de santos (a), os capituladores ficam de frente para o santo (a). Vale ressaltar que a ladainha rezada por eles na época do senhor Bereca era cantada apenas para santos, mas hoje o grupo adaptou também para ser cantada para santa. Na letra da ladainha há um espaço em branco para ser citado o nome do santo (a) no ato da oração.

Segundo dona Maria do Socorro, nas festas particulares, promessa e aniversário o grupo canta apenas a ladainha - que demora cerca de trinta minutos. Quando o promesseiro pede, eles preparam uma pequena celebração antes da mesma, mas em geral a ladainha por si só já é uma celebração. Lembrando que na festividade de Santo Antônio do rio Palmar (vide figura abaixo) eles não rezam a ladainha porque são apenas dois dias de festa.

Figura 8 - Igreja da Comunidade Católica do rio Palmar



Fonte: Pesquisa de campo, janeiro 2019.

O festejo de Santo Antônio acontece no mês de junho, sempre nos finais de semana. Segundo dona Maria do Socorro, a comunidade não tem uma



data fixa para realizar o festejo pelo fato de que nas ilhas há outras comunidades que também comemoram o dia do santo. Além disso, a Paróquia das Ilhas dispõe de apenas um padre para atender todas as localidades. A data do festejo é decidida no planejamento das comunidades, realizado pela Paróquia no mês de janeiro. Nesta ocasião, todas as localidades que festejam o mesmo santo (a) escolhem a data desejada para fazer o festejo. Caso duas ou mais comunidades escolham a mesma data é feito sorteio para saber qual dia o padre vai para determinada igreja celebrar a santa missa, que pode ser no início ou no final da festividade. Este ano (2019) a comunidade de Palmar optou pelo segundo (8 e 9/6) ou terceiro (15 e 16/6) final de semana de junho, mas até o momento ainda não obtiveram resposta da paróquia para saber qual data exata o festejo de Santo Antônio vai ser realizado. A programação da

comunidade no festejo varia de acordo com o dia da missa. Por exemplo, segundo dona Maria do Socorro quando o início da festa é no sábado, inicia às 19:30, com a celebração da missa, após o círio fluvial que sai de uma das comunidades vizinha (rio Arumanduba Nossa Senhora da Paz; Maracapucú São José; Maracapucú Ipiramanha e Assacueira Nossa Senhora Aparecida). É feito sempre o sorteio entre elas para saber de onde o círio vai sair. Quando a missa é no domingo a celebração do sábado fica a cargo da localidade de onde o círio fluvial sai. A missa no **domingo pela manhã** inicia às 9:0h seguida de confraternização até as 16:0h. Às 19:30, há outra celebração sob a responsabilidade de alguma comunidade vizinha, seguida de venda de comidas, refrigerante, leilão, brinquedos etc. Mas quando a missa acontece no **domingo à noite**, pela manhã a comunidade realiza a



celebração do culto dominical por volta das 8:30 e após realizam o momento de confraternização, no qual eles fazem um “sopão” para oferecer aos participantes, seguida de apresentação de dança de quadrilha, show de calouros, leilão, etc. A festa termina às 16:00h para que os participantes tenham um intervalo de descanso até a hora da missa que normalmente é marcada para as 19:30h. Dessa forma, a localidade do rio Palmar realiza o festejo de Santo Antônio.

Consideração final

Por meio das entrevistas e das conversas percebeu-se que a ladainha é uma tradição que já perdura por muitos anos na comunidade do rio Palmar, mas essa tradição só foi possível até os dias atuais devido o interesse dos mais velhos em aprender e a disponibilidade do seu Bereca em cantar para que dona Anilda e dona Socorro pudessem transcrevê-la. A

ladainha faz parte do momento social e de lazer da comunidade, pois ela reúne varias pessoas em um mesmo lugar por uma única razão: louvar e agradecer a Deus, e é nesse momento que ocorre o encontro e reencontro das pessoas, onde elas aproveitam para conversar, falar do dia a dia, das dificuldades, facilidades etc. Por meio da conversa com alguns membros do grupo de oração, observou-se que eles pretendem dar continuidade a esta manifestação religiosa, repassando-a a próxima geração.

Atualmente, já não é comum nas ilhas de Abaetetuba grupos que rezam a ladainha, principalmente como a da comunidade do Palmar, em que há trechos que evocam o latim. É fato, para que essa tradição não se perca é necessário sim, que esse conhecimento seja repassado de geração para geração.



REFERÊNCIAS

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. © 1995, Revista de Administração de Empresas / EAESP / FGV, São Paulo, Brasil, cit., p.58.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens**, São Paulo, [s.n.], 1954.

PAULA, Andréa Cristina de. **Elementos simbólicos que remetem à bíblia na canção “calix bento” interpretada por Pena Branca e Xavantinho 2011.**

Revista PZZ. Multicores rabetas, p.18-29. Belém, Edição 22/2016.

RODRIGUES, Neuza. **O Artesão de Sonhos**. In Contistas da Amazônia: IX Concurso de contos da Região Norte. Belém: Editora Universitária, 2002.

SANTOS, Nezilú Gonçalves dos. **Arte Devocional em Oratórios no rio Campompema - Ilhas de Abaetetuba**. Abaetetuba/PA 2018.

Seguro defeso. Disponível em: <<https://www.konkero.com.br/financas-pessoais/seus-direitos/seguro-defeso-o-que-e-e-como-funciona>>. Acesso em 29 de janeiro de 2019.

VEDOVETO, Mariana. Caracterização do mercado de açaí (euterpe oleracea mart.) em Belém entre 2006 e 2008. Edited by Foxit Reader Copyright(C) by Foxit Software Company, 2005-2007. For Evaluation Only.



Um pouco da historia do seu Pedro (Capitulador de ladainha)

O senhor Pedro Ribeiro dos Santos, mais conhecido na localidade como seu Filhote, nasceu no dia 06 de abril de 1953 às margens do rio Maracapucú Palmar, filho de Raimundo Viana dos Santos e Maria da Conceição Ribeiro dos Santos. Seus pais exerciam várias atividades na localidade como: corte de borracha, colheita de andiroba e de ucuúba onde vendiam os produtos na própria localidade, para um senhor chamado Alexandre Corrêa que era dono de um comércio; na verdade eles trocavam os produtos por mercadorias (farinha de mandioca, café açúcar etc.). Seu Pedro é o terceiro na sucessão de onze irmãos. No que se refere às tradições culturais ele se recorda da folia de santo (tira reis), onde seus pais juntamente com alguns moradores da localidade saíam cantando, batendo tambor e tocando violão no rio o dia todo no mês de janeiro. As pessoas abriam as portas das suas casas e os convidavam para que adentrassem em sua residência para cantar. Seu Pedro também acompanhava seus pais nas noites da ladainha nas localidades e em festas particulares. Na época dos pais de seu Pedro não existia escola nas ilhas, o que havia eram algumas pessoas que tinha concluído a quarta série, e essas pessoas eram pagas por alguns pais para lecionar aula a seus filhos, sendo que os alunos se deslocavam até a casa do professor (a) para estudar. Seu Pedro foi um desses alunos. Ele lembra que na época o professor (a) era rígido, “aprendia ou apanhava”. Ele não estudou por muito tempo, pois seu pai pagava aula para ele e mais dois irmãos e as condições financeiras dele não permitiram que seus filhos terminassem os estudos, ou seja, estudassem até a quarta série.



Mas mesmo estudando pouco seu Pedro aprendeu a ler e assinar seu nome. Das matérias que seu Pedro mais gostava era de matemática, segundo ele porque gostava de dar palmatórias nos colegas, por isso quando ele chegava a sua residência estudava a tabuada até decorar todas as contas das quatro operações. Ele relatou que a religião católica é uma parte importante de sua vida, pois “tem liberdade de escolha, a pessoa faz errado se quiser”. Ele gosta de comer peixe, mas não gosta de comer carne e nem frango. Seu Pedro casou-se com trinta anos de idade (1983), conheceu sua esposa durante as aulas particulares, seu Pedro tem sete filhos, cinco no casamento atual e dois fora do matrimônio. Estes moram na cidade de Breves, mas ele não mantém contato com eles, pois quando seu Pedro os deixou eles estavam pequenos e na época não havia telefone celular. Um dos valores que ele considera muito importante é o respeito, e o mundo seria melhor se não existissem drogas. Ao longo de sua vida seu Pedro teve alguns empregos como: recravador de lata de palmito na fábrica PALMAZOM (Palmeira da Amazônia Industrial) instalada na própria localidade; ele consertava as máquinas de recravar as latas, foi contador de caixa na fábrica de palmito Jofeca em Belém, mas foi pela profissão de pescador que ele se aposentou. Seu Pedro cantou a ladainha pela primeira vez na casa da dona Titó onde ela realiza o festejo de Santo Antônio. Seu Pedro não vê interesse dos filhos e netos em aprender a ladainha. Eles não recebem nenhum valor financeiro para se apresentarem, eles o fazem “por gosto”.

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por me conceder a oportunidade de poder cursar essa especialização; a prof. Dr. Sonia pelas orientações; a todas as pessoas do Rio Ipiramanha e Palmar que me receberam super bem e a todas as pessoas que permitiram a gravação e divulgação deste trabalho; ao seu Preto pela hospedagem em sua casa e aos meus colegas de equipe: Alberani, Elizayne, Higor e Raiane pela parceria durante os estágios.

Meu muito obrigada a tod@s!



PROEX



“Trabalho desenvolvido no âmbito do NEA GEDAF: Teias de Inovação Agroecológica e Desenvolvimento de Sistemas Agroalimentares com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq” e dos órgãos financiadores da Chamada CNPq 21/2016, a saber: MAPA, MCTIC, MEC e SEAD – Casa Civil.